

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACTORIAL

J. MIMOSO MOREIRA
MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

▼ (TELEFONE 6580) ▼

Composta e impressa na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto

ULTRAMAR

ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

Após o encerramento do Certame

Por MARIO DE FIGUEIREDO

Encerrou-se na data previamente designada, a 30 de Setembro, — com a pontualidade de quem fixou a primeira leitura «uma carta para Garcia», — a Exposição Colonial, formosa e eloquente lição de história e de civismo, tão grande no seu significado e de tão elevado objectivo nos seus efeitos, que enche de legítimo orgulho todos os portugueses.

Grandioso acontecimento que interessou vivamente todo o País e também vários centros do estrangeiro e que movimentou, ainda, extraordinariamente a cidade do Porto, a Exposição Colonial foi, sob todos os seus variados aspectos, uma manifestação brilhantíssima e de notável contribuição prática para o culto, estudo, demonstração e propagação indispensáveis das Províncias ultramarinas portuguesas.

Não é ainda ocasião de se fazer o balanço rigoroso do seu empolgante movimento, da finalidade atingida e dos seus desejados efeitos.

Registe-se, no entanto, que o Certame não constituiu unicamente através da sua lição patriótica, esclarecida e convincente, exibida numa disposição primorosa, um documentário evocador dum glorioso Passado, afirmativo de actividades do Presente e indicador duma estrada serena condutora para vitorioso Futuro. Não se limitou a isso a sua acção.

Evidenciou outras modalidades de ordem espiritual, moral e social, que lhe criaram uma moldura harmoniosa e condigna.

Dando inteiro cumprimento à directriz traçada na sua concepção, a Exposição promoveu, dentro do seu carácter, interessantes e louváveis manifestações culturais. Editou obras de vulgarização educativa, que distribuiu largamente; realizou exposições de arte colonial; effectou conferências de finalidade histórica, económica e social, e levou a efeito Congressos, onde se ventilaram atentamente palpitanes problemas de máximo interesse para a defesa e o desenvolvimento dos nossos domínios ultramarinos.

Não foi esquecido o aspecto desportivo, marcado com a realização de atraentes provas de cultura física.

Dentro do seu recinto, a Exposição registou homenagens de organismos e entidades nacionais e estrangeiras à obra de Colonização dos portugueses, destacada com sacrificio, altruismo, inteligência e abnegação desde o período áureo das Descobertas e das Conquistas até aos nossos dias.

Pelo Palácio das Colónias desfilarão, organizadas em «paradas» de aprumada compostura, entidades e organismos de toda a condição social do País. Por lá passaram o Chefe do Estado e todos os membros do Governo e, ainda, visitantes estrangeiros ilustres como o Príncipe de Galles, o ministro da Marinha e interino dos Negócios Estrangeiros de Espanha, o ministro das Colónias da Bélgica, o general Sanjurjo, o director do «Tempo», de Paris, todo o corpo diplomático acreditado em Portugal, o devotado amigo dos portugueses Johan Voetelinck, as autoridades da Galiza, jornalistas de vários países, etc.

(Continua na 3.ª página)

Ecos do Congresso de Intercâmbio Comercial Cabo Verde na Exposição

Por MACHADO SALDANHA

ULTRAMAR arquiva nas suas colunas o brilhante e patriótico discurso proferido pelo ilustre advogado sr. dr. Alberto Pinheiro Tórres, activo secretário-geral dos Congressos, na sessão de encerramento daquelas reuniões, realizada em 17 de Setembro findo no Palácio da Bólsa.

Permiti, Senhoras e Senhores, que comece a minha alocução escrita para este Congresso, que erradamente pode parecer uma mera defesa de interesses materiais, com as palavras esplêndidas de Junqueiro, que vem como prefácio à «História da Colonização portuguesa no Brasil»: — a essência ideal que immortalizou as nossas descobertas, e fez, por um instante, na História do globo, dum punhado de marinheiros e cavadores, a maior pátria do mundo, a eleta do Eterno, a encarnação heróica do Divino...

Foi afinal, apesar do aparente materialismo dos nossos desígnios, com este pensamento, que define o génio da Raça e precisa a nossa vocação histórica, que nos reunimos aqui, no Congresso, que hoje se encerra, depois de três dias passados no estudo de alguns dos mais difíceis problemas económicos que, por igual, interessam à Metrópole e às Colónias.

Eu, que nada fiz — se pode dizer-se que nada fez quem aprendeu muito — posso afirmar jubilosamente que a competência, a in-

teligência, a probidade mental, e a dedicação cívica se deram as mãos para fazer do nosso Congresso uma notável manifestação técnica e intelectual.

Focaram-se os principais factores de que defende um intercâmbio comercial sólido e próspero: o crédito, as transferências, as pautas, os fretes, rigor na satisfação das encomendas, adaptação dos produtos às exigências dos mercados, propagação.

Se a Metrópole e as Colónias se entendessem não teríamos crise económica: — disse, entre aplausos calorosos o ilustre representante da Associação Comercial de Lourenço Marques, na pessoa do qual saúdo todos os nossos valerosos colonos do Ultramar, agentes magníficos da unidade do Império.

A discussão por vezes viva, nunca deixou de ser de fidalgas maneiras: foi elevada, foi sábia, foi profícua. E dela resultaram conclusões que representam directrizes para os governantes, a cujos talentos e patrióticos propósitos todos rendemos a devida homenagem.

(Continua na 2.ª página)



O sr. dr. Armindo Monteiro, ilustre ministro das Colónias, no momento de arrear a bandeira nacional, — acto solene e de impressionante simplicidade que marcou, com profunda emoção, o encerramento oficial da Exposição Colonial Portuguesa. Essa bandeira foi entregue pelo sr. dr. Armindo Monteiro ao sr. António de Oliveira Cálém, presidente da Comissão Organizadora da Exposição e presidente da Associação Comercial do Porto, que a guardará carinhosamente.

A Colónia de Cabo Verde fez, pela Exposição Colonial que acaba de ser encerrada, um notável esforço de propagação, cujos resultados ainda é difícil de fixar numa visão de futuro.

O detalhe desta realização foi, porém, inteiramente cumprido e se nem sempre tudo passou com aquela eficiência que na colónia se preconcebira — isto por na representação terem escasseado meios materiais — o que é certo é que a execução pretendeu amoldar-se às possibilidades e cumpriu.

Evidenciou-se amplamente que a população do arquipélago refere uma enorme vitória de colonização. O grupo étnico que Cabo Verde mandou à Exposição apresentou o colorido típico dum «povo bem português». A sua vida de relação aqui na capital do Norte nivelou-se bem e a-par dessa massa enorme de visitantes das aldeias de Portugal. Os caboverdeanos denotaram-se inteiramente os irmãos de Alén-Mar, pelos costumes e pelo sentimento. Assim, se o grupo étnico de Cabo Verde não trouxe ao Porto o espectacular de trajos berrantes e de costumes raros, patentou a vista da Metrópole a nota consoladora de que ali, em Cabo Verde, portugueses de ontem criaram portugueses de hoje — que são todos os naturais do arquipélago.

Os focadores da orquestra típica vibraram o sentimento ilhéu que anima a vida popular da Colónia e as raparigas da Boavista cantaram as «mornas» da saudade, da tristeza e do mar. E como o folclore caboverdeano exprime motivos culturais, foi possível realizar esse espectáculo indefinível de cor e de união que foi «A tarde de Cabo Verde».

Mas a representação viva da gente do arquipélago não veio ao Porto só a documentar o seu folclore característico. Os homens, na sua maior parte, são artifices hábeis e os trabalhos em tartaruga, dos sirqueiros, o fabrico de chapéus, de panos, etc., foram realizados perante os visitantes que anotaram desvanecidos mais esta curiosa nota. João da Mata, o artífice hábil da vida de Sal-Rei, apreciado pelos rendilhados de tartaruga que finalmente recordará, teve da Imprensa esta designação que se popularizou — o artista do Relicário.

Como nota desvanecedora, focou-se que dos naturais de Cabo Verde que vieram à Exposição, em número de dezanoos, apenas um era analfabeto. Já isto referia um nível apreciável de cultura média que se afirmou e elevou com a vinda ao Palácio das Colónias doutros seus contreráneos, alguns deles com destaque na vida nacional. O Engenheiro João Gomes da Fonseca veio pôr perante o país o problema do Porto Grande de S. Vicente espalhado através do relatório do anteprojecto de obras, de que é autor. Eusto Duarte, veio na abertura da festa de Cabo Verde, reivindicar para si a honra de ter nascido no arquipélago hesperidano, e em palestra cantilante figurou o trama dos seus cantares regionais. O ilustre advogado Dr. Mário Ferro apresentou perante o Congresso Nacional de Antropologia Colonial um estudo da especialidade que mereceu a maior

(Continua na 3.ª página)

Ecos do Congresso de Intercâmbio Comercial para as Colónias

(Continuação da 1.ª página)

Não se defenderam interesses pessoais. Por cima deles, embora legítimos, visaram-se sempre os supremos interesses da nação.

Aos que afirmam que o capital não tem pátria, opusimos um solene desmentido, dando a quantos nos ouviram uma fecunda lição de criterioso nacionalismo.

Fomos acima de tudo, portugueses, e fomos-lo sem a exaltação que desvairia e falha para uma política de realizações, mas antes com aquele bom senso, que é o génio das nações, na frase de um pensador insigne referindo-se à Bélgica, exemplificação sublime de que não há país pequeno quando a sua alma é grande.

E ouvindo-vos e discorrendo convosco, Srs. Congressistas, de que nos despedimos com uma profunda saudade e imenso reconhecimento, vinha-nos à lembrança o que li e que li e cuja exactidão então verifiquei — não há cérebro mais bem organizado do que o dum grande comerciante. O que fizemos nesta benemerita Associação Comercial do Porto, a quem estes problemas tanto interessam, que nas Conferências Comerciais realizadas em Angola e Moçambique, em 1932, com o objectivo de intensificar as relações económicas entre a Metrópole e as nossas Províncias Ultramarinas teve o seu representante, Manuel Caetano de Oliveira, cujo Relatório é magistral?



DR. ALBERTO PINHEIRO TÓRRES,
lendo o seu discurso

Para que trabalhemos? Para firmar que a orientação a seguir é praticar o nacionalismo económico, reconstituindo em melhores bases o nosso sistema protecctionista.

A isso nos obrigam os nacionalismos feroces dentro dos quais, cada vez mais, as nações se encerram. A isso nos leva a certeza de que a radicação da economia nacional é base da soberania política; e de que se para o Império são necessárias a unidade jurídica e moral, não é a menos a unidade económica.

Não há, afinal duas escolas: a política da Fixação e a do Transporte, como pretende António Sérgio. A política que preconizamos não vai de encontro ao fomento da metrópole, que defendem Heurleau, Oliveira Martins, Basílio Teles e Ezequiel de Campos.

Deste queremos destacar estas palavras justicieras e exactas tiradas do livro — *A Conservação da Riqueza Nacional*: «A maior vergonha nacional é ir pedir pão à terra brasileira e ainda por cima pensar a América que nos faz um grande favor, quando podíamos obter uma vida faustosa para o país; e preferimos a terra do Brasil a um vastíssimo, e mais que nenhum outro, riquíssimo domínio semi-abandonado».

Estamos todos de acordo em que a colonização interna e externa devem acompanhar-se; que qualquer das políticas não pode, por si só, com exclusão da outra, resolver o problema nacional.

As duas completam-se.

E quanto ao comércio creio que podemos fixar a fórmula: não há dois mercados, um colonial, outro metropolitano, mas um único mercado português espalhado pelos cinco partes do mundo.

Assim trabalhamos pelo Império: assim entramos dentro do objectivo da Exposição Colonial — que é espectáculo, lição e vida, documentário do que fomos, de que somos e do que poderemos ser, que as Corporações económicas do Porto, sempre elevadas em

seus intuítos, conceberam e auxiliaram, eficazmente, decisivamente, e a que criaram carismatico ambiente de respeito, de afecto e de dedicação.

Manda a minha consciência — e nunca faltei ao que ela me manda — que lembre o nome de Henrique Galvão, organizador maravilhoso, um dos maiores valores da geração que ascende e que se está sacrificando — geração de resgate — para que a Portugal se abra uma época radiosa de paz, de prosperidade e de glória.

Saudemo-lo e aos seus colaboradores entre os quais destacarei Mimoso Moreira, que é *alguém* e a quem muito prezamos.

Recolhamos, como final da nossa tarefa, algumas das suas lições. Foram muitos milhares de portugueses que se deslocaram para a visitar.

E era de ver — quantas vezes nos comovemos! — o culto que se lia nos seus olhos. Entravam no Palácio das Colónias como num templo: chapéu na mão, falando baixo, não raro, lábios em prece, rezando aquela oração eterna que desde Ourique ilumina as nossas almas.

E o bom povo de Portugal, que afectuosamente saudamos, conduzindo em regra pelos seus padres.

Não é esta afinal a imagem, a atitude do Portugal de sempre: a nação guiada pela fé, Pátria e Deus: é toda a nossa maravilhosa história.

Não é, afinal, o mesmo povo, o povo de Aljubarrota, das Descobertas, de Montes Claros, do Buçaco criador imortal de heróis, de santos: e tão abismado em sonhos e saudades que deixando gemer a alma numa fruta, é o maior lírico do mundo, o maior poeta de Portugal.

E continua a ser assim.

Registemos as palavras do grande colonial que foi Aires de Ornelas: «Não se pode admirar bastante os nossos soldados. São os mesmos da nossa história épica: o sossego, a tranquilidade com que faziam fogo, como num exercício; o valor dos feridos que ou recusavam ir para a ambulância ou fugiam mal curados para voltar a fazer fogo, são factos que não pode esquecer quem os presenciou. De tão fraca aparência, parecendo que não podem consigo, agüentam a fadiga e são simplesmente admiráveis no fogo. É a maior honra dum oficial comandar soldados assim».

A Exposição criou em todos, aquilo a que pode chamar-se a *mística do Império*, fonte de dinamismo e fé que é essencial para as grandes transformações com o que se está operando entre nós, preparando — o que é basilar — um estado novo nas inteligências e nas consciências.

Porisso eu considero a Exposição, que foi possível não a esqueçamos — pela devoção das forças económicas do Porto, um acontecimento que marca na evolução do espírito nacional.

Ela enche-nos de legítimo orgulho pelo passado.

Ai verificamos triunfalmente que o edificio que queremos aperfeiçoar tem alicerces muitas vezes seculares, inegaláveis títulos de nobreza de nação colonizadora, os mais antigos, gloriosos e aristocráticos de quantos existem sobre a terra: títulos que se, de per si só, nada valem, juntos ao esforço colonizador que vimos fazendo nos ilustram sobremaneira, retemperando-nos a alma.

Títulos de tal quilate só não os invoca quem os não tem. Não vimos nós, por ocasião da Exposição Colonial de Paris constituir-se uma Sociedade de história das colónias e organizar-se ao mesmo tempo uma Exposição retrospectiva de todo o passado francês, para se patentiar ao mundo que a França Colonial não data de ontem?

Meditando lá — e que propicio para a meditação não é esse Palácio — no contraste entre as escassas forças deste povo e a obra gigantesca que levou a cabo, sobressaem, melhor que em nenhum outro exemplo da história das nações, as excelências da inteligência sobre as forças brutas dos homens e da Natureza.

E o primado do Espírito, que gostosamente e, por certo, com aplauso de todos, proclamamos ao encerrar-se este Congresso.

Erro crasso foi supor-se até nossos dias que os descobrimentos e conquistas dos portugueses não excediam um caso, ainda que inaudito, de bravura colectiva.

Não foram as lanças, as couraças, as bombardas das naus, e a fúria de movê-las: mas sobretudo os regimentos, as cartras, astrolábios, o método, a disciplina, emfim a cultura e os espíritos organizados, que triunfaram.

As façanhas dos portugueses de então representam umas das mais sublimes vitórias do Espírito na história universal.

Assim, é lícito parafrasear o conceito gráfico de Renan sobre a Grécia antiga — e chamar às nossas *gesta* da Época de ouro, o *milagre português*.

Acentuemos o carácter científico da obra do Infante: proclamemos com ele os nossos conhecimentos geográficos e da ciência náutica. Digamos com um sábio alemão — que desgraçadamente não raro estranhos sabem melhor que nós das nossas coisas — que no século XVI, graças aos portugueses, a África equatorial era mais bem conhecida do que é hoje.

Tudo isto se aprende na Exposição. E a lição do Infante é actual: a política tem de ser transformada pela ciência.

Os problemas que o Estado moderno tem de resolver são tão complexos que vistas sintéticas não bastam para os ressaltar: é essencial a análise guiada pela ciência.

Antes da guerra, confessa Herriot, a política tinha relações muito vagas com a ciência. O labor resume-se agora nestas palavras de outro: *compreender, criar...*

E ao povo português não falta o génio: o que falta é a *ordem*.

E como estamos longe dessa sacralizada falsificação da História, que chamava aos feitos lusitanos uma aventura, obra do acaso e da temeridade. Quanto não há que rectificar na nossa História, ao que vos convida a lição da Exposição Colonial.

Obra de rectificação dessa conspiração contra a verdade que, durante muito tempo, foi a história portuguesa, falsificada por uma ideologia tão fanática como estúpida. Quanto nos caluniamos a nós próprios!

Ainda há dias, eu lia com mágoa e com indignação no *Portugal Económico*, de Anselmo de Andrade, que o português não tem carácter. E criminoso negar carácter ao povo que dum sínspito montado fez a mais linda pátria do mundo, fixando antes de qualquer outra nação na Europa a sua unidade territorial: a quem nem falta a tenacidade, como no Ultramar dia a dia se verifica: a quem o mundo deve uma das suas conquistas fundamentais para a civilização: que tem uma grande literatura e fala e canta numa língua de maravilha: que tem os Lusitados, os painéis de Nuno Gonçalves, Santa Maria de Belém: que fez o Brasil: que sempre que a sua independência foi ameaçada se levantou heroicamente, vitoriosamente.

E até no campo mercantil é de notar que ele criou o seguro comercial, precedendo todos os povos, mais uma vez.

Como nenhum outro operamos agora, com as nossas forças, sem auxílios estrangeiros, o nosso ressurgimento e podemos, ainda há pouco, quasi isolados, gritar ao mundo inteiro a nossa repulsa por um regime, que vindo do crime e da traição, constitui a maior ameaça para a civilização ocidental, latina, cristã, que temos a honra de representar.

A Exposição mostra-nos também que o nosso esforço não foi só no passado.

Com a gloriosa coluna de Marracuene afirmamos que pudemos e soubemos combater na África agora, como nos séculos XV e XVI, e que havemos de conservar intacto o domínio mantido com tanto esforço pelos nossos antepassados.

Mas não combatemos só. Fizemos outra vez como sempre obra de colonização: salvou-se Moçambique, abrindo-se-lhe com o governo de Mousinho, de que foi glorioso companheiro o ilustre congressista Salustiano Correia, assim tornando possível, caminho franco, para um extraordinário futuro.

Se se regista que Portugal não é um país pequeno, como teimosamente se repete: que somos a terceira potência colonial.

A circunstância da Bélgica ter um estado colonial de mais vasta superfície: ou de a Holanda ter maior população, não podem contrabalançar sequer o que vale o nosso Império Colonial.

Já dissemos o que conta a História.

Agora vemos talvez como nunca que o Império Colonial português é formado por várias colónias, dispersas pelo mundo fora, de Cabo Verde a Timor, do Atlântico ao Pacífico, situadas umas em pleno mar, outras debruçadas sobre ele em toda a sua extensão.

Esta pode constituir um soberbo ponto militar de indiscutível valor em caso dum conflagração entre potências, aquelas tem alguns dos melhores portos de comércio da África, convenientemente apetrechados, com linhas férreas que servem as colónias limitrofes nas suas transacções.

Estradas magníficas sulcam-nas em tô-

das as direcções, e em todas a segurança é absoluta.

Algumas medem várias vezes a superfície do continente. Uma delas é maior que Portugal, Espanha e França reunidas. Temos a progressiva Guiné, S. Tomé, a magnífica colónia de plantação, e Moçambique, em pleno desenvolvimento. Nenhuma deixa de nos estar submetida inteiramente e é sem igual o nosso prestígio sobre as diferentes raças.

No Oriente conservamos o padrão, que nos projecta a influência para além das fronteiras.

Com tais elementos como não esperar que com tino e talento administrativo, alcancemos a interferência económica, que preparando-nos para todas as eventualidades, torna a vida mais fácil e feliz.

Infelizmente as colónias portuguesas tem trabalhado como corpos que em nada dependem uns dos outros, ignorando-se a sua acção e chegando-se ao inverosímil de favorecer o comércio estrangeiro. A solidariedade entre as partes componentes do Império, ia-se por completo.

Para que tal estado de coisas cesse, trabalham o Governo, a Exposição, trabalhamos não durante estes dias, que podemos considerar bem ganhos.

Néles acompanham-nos, com solicitude e amizade, a Imprensa, a que muito deve também a Exposição. Para ela, que é um alto poder, que é inteligente, que é honra: que é nobre, os protestos da nossa gratidão e vivíssima simpatia.

A Exposição diz-nos ainda o que vale o comércio não só no terreno económico, como na colonização.

É preciso ser imbecil para desconhecer a dignidade e a imensa utilidade da função comercial.

Ele tem sido, através dos séculos, magnífico instrumento de libertação e de progresso. Criou políticos novos, forças sociais imprevisíveis.

Durante a primeira dinastia, foram um notável factor da colonização do país.

Além mar o mesmo — criaram riqueza e civilizaram. Fizeram a obra de penetração e fixação, que transformou as Colónias.

E que grandes almas havia entre esses comerciantes.

Cito apenas três factos. Na Lunda foram eles que organizaram a defesa contra os belgas.

Em Timor as operações militares seguiram-se a não menos eficaz ocupação económica.

Há dias, na Exposição, para celebrar o dia de S. Tomé, escolheu-se a figura exelsa do comerciante e agricultor barão de Agua-Isé.

Mas acima de todos, em Angola, Silva Porto, que para não cair no poder do inimigo e não assistir ao seu triunfo, caiu na morte envolvido gloriosamente na bandeira nacional.

Na Exposição aprendemos que para restabelecer o equilíbrio que perdemos, é preciso que as leis fundamentais da vida espiritual sejam respeitadas.

O direito, a moral, não são um efeito, pelo contrário toda a organização económica, política e social tem de reconhecer naqueles elementos seus princípios fundamentais e directivos: são eles que determinam as fórmulas da vida económica.

E a restauração desta não é possível sem o ressurgimento daqueles.

O caso do Japão actual é bem elucidativo; desperta para a civilização, torna-se no terreno económico — hoje da máxima importância — uma potência. E esse progresso o deve sobretudo à ordem, ao método, à disciplina, ao espírito de sacrifício — e é com estas virtudes que se triunfa, que se fundam os impérios.

Portugal vai ressurgindo. O seu papel criador no exterior não terminou. Repitamos com Salazar: «Portugal pode, se quiser, ser uma grande e próspera nação. Sê-lo-á».

Confiamos em Deus.

O seu rumo era a luz, seu piloto era Deus, di-lo o poeta. Mas contemos com o nosso esforço, que tem de ser colossal, dia a dia renovação, como o nosso sacrifício.

Nada de grande se faz na terra sem o sofrimento, que é fecundo. Gera-se na dor; na dor se sublima o homem.

E não esqueçamos a luz bendita que guia as almas admiráveis dos nossos missionários, pioneiros da Cruz e da Civilização, que contam entre os melhores obreiros de Portugal melhor, que todos, seja qual for o nosso credo político ou religioso, vivamente desejamos.

E ainda mostraremos o nosso génio, entrando na ordem que nos falta.

E para terminar quero repetir-vos o que um alemão de vulto dizia há pouco — todo o alemão deve saber e sentir que a posse de colónias representa para a Alemanha a chave de abóboda do seu poder mundial.

Com tais indicações e avisos vamos, Senhoras e Senhores, firmando a unidade económica, política e espiritual do Império; continuando, jubilosamente, triunfalmente, a história de Portugal.

I Exposição Colonial Portuguesa

Movimento do Pôsto Sanitário nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro de 1934

INDÍGENAS			PESSOAL DA EXPOSIÇÃO			VISITANTES			TOTAL		
Consultas	Curativos	Injeções	Consultas	Curativos	Injeções	Consultas	Curativos	Injeções	Consultas	Curativos	Injeções
243	2142	557	652	3318	330	614	837	16	1509	6297	903

Total dos serviços prestados . . . 8:709

PÔSTO SANITARIO

Aquella casita de madeira, ali, ao pé do Pavilhão de Companhia de Moçambique, o interior pintado a branco, alegre, confortável, conteve, na sua simplicidade modesta, uma das maiores utilidades de Exposição.

Criado para assistência aos naturais das Províncias Ultramarinas, a breve trecho se reconheceu a necessidade dos seus serviços se tornarem extensivos a todos. Assim, visitantes, pessoal da Exposição incluído o dos *Stands* e Concessionários e os naturais das Províncias Ultramarinas, encontraram no Pôsto Sanitário, sem encargo algum, o alívio para males, desde as dores de dentes, rapidamente curadas, até a graves casos a que a solicitude do Pôsto rápida e carinhosamente acudiu e soucionou.

Mais claro, mais eloquentemente de que as palavras, falam os números. O mapa acima mostra o movimento do Pôsto Sanitário que, em 5 meses, prestou 8:709 serviços, sendo: 2:942 a Indígenas; 4:300 a Pessoal da Exposição, dos *Stands* e Concessionários; 1:467 a Visitantes.

O pessoal teve muito trabalho e muita dedicação. Foi incansável, sendo de justiça citar o Dr. Maia Romão, Dr.ª Zulmira dos Santos Pereira, e a Enfermeira-chefe D. Helena Guimarães que, com a ajuda e colaboração da Enfermeira D. Emilia Gomes, do Enfermeiro-militar Alfredo da Conceição, do Enfermeiro-civil Fausto Guimarães e da Amanuense Laurinda Costa, não se pouparam a esforços para que o Pôsto Sanitário fôsse o que foi: um colaborador útil e dedicado da Exposição Colonial.



BOBO DO BATUQUE. Prémio de Honra de Escultura da Exposição de Arte Colonial, atribuído a Américo Gomes



MULHER DE BRONZE. Prémio de Honra do Concurso de Fotografias, atribuído a Francisco Oliveira

A Exposição apreciada no Estrangeiro

Continua a imprensa estrangeira a referir-se com as mais lisonjeiras impressões a propósito do Certame.

Ultimamente, referiu-se a *Illustration*, de Paris, num artigo ilustrado e firmado pela distinta escritora madame Morino à Exposição, elogiando a sua notável realização.

Também o *Diário de Cadiz* inseriu uma larga reportagem sobre o Certame, devida ao distinto oficial do Exército espanhol D. Tomaz Garcia Figueras.

Os jornais «Le Midi Colonial» e «Le Sémaphore de Marseille» publicaram elogiosas referências à Exposição Colonial.

A revista «Vida Galega» igualmente no seu número de Agosto insere uma longa reportagem fotográfica da Exposição Colonial.

Após o encerramento do Certame

(Continuação da 1.ª página)

A Exposição encerrou-se oficialmente com o grandioso e brilhantíssimo cortejo alegórico, depois de em mais duas centenas de dias ter marcado exuberantemente o seu objectivo, projectando-o para todos os espiritos.

Ao contrário do que tem sucedido nos últimos grandes certames internacionais, efectuados com largos recursos em ambientes de movimentada vida cosmopolita, os quais fecharam num declínio reconhecido de interesse e em ausência marcada de público, a Exposição, levada a efeito num meio falho de população flutuante, mediocre de propaganda turística e colonial, encerrou-se com assinalada e entusiástica animação, que excedeu todas as expectativas.

O Certame — um exemplo a apontar aos estrangeiros — fecha em pleno êxito e em pleno desafogo de vida.

Esquecendo contrariedades e afastando para longe obstáculos que surgiram durante o seu curso promovidos por mentalidades inferiores e de critério estreito, o Certame deve constituir um motivo, em especial, de orgulho moral para o Governo, para Henrique Galvão e Mimoso Moreira, organismos económicos portugueses, para todos os portugueses, e ainda para os que desde a primeira hora, vivendo períodos de nervosa incerteza, se bateram por essa iniciativa e lhe dedicaram, febril e sinceramente, todas as suas energias e todas as suas atitudes boas e francas, para o seu vitorioso êxito.

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

ULTRAMAR é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino oficiais e particulares, associações comerciais, agremiações, organismos coloniais, etc.

A Agência Geral das Colónias



A Agência Geral das Colónias montou na Exposição uma das mais curiosas salas, de singela mas artística decoração e equilibrada disposição — demonstrando, com poder didático e simples, a sua organização de serviço. Com os elementos em seu poder foi também possível montar a galeria das indústrias coloniais e muitos dos *stands* oficiais da mesma central foram compostos com os elementos que forneceu. A Agência Geral das Colónias manteve assim a assistência que vem dispensando às exposições internacionais e nacionais desde a sua fundação, prestando pela sua divisão de Propaganda um valioso concurso. Deve-se-lhe também a publicação dum número especial do *Boletim Geral das Colónias*, que é um repositório valioso e das melhores publicações, nesta oportunidade, editadas para comemoração do Certame.

Monografias da Companhia de Moçambique

Da Companhia de Moçambique receberam alguns exemplares das magníficas publicações que distribuiu durante a Exposição.

O *Documentário Fotográfico* salienta, dum forma impressionante e sugestiva, a transformação operada na cidade e no porto da Beira durante o período da administração da Companhia. Há quarenta anos a Beira consistia em meia dúzia de palhotas e algumas barracas de madeira e zinco. O *Documentário Fotográfico* mostra-nos como a minúscula povoação se transformou numa bela cidade, cortada por magníficas artérias, com luxuosas vivendas particulares e grandes estabelecimentos de comércio e indústria.

O *Documentário* apresenta-nos idêntica transformação quanto ao porto da Beira, desde o lançamento da primitiva ponte-cais até à construção dum magnífico porto comercial, dotado da mais moderna aparelhagem.

O Território de Manica e Sofala não se limita, porém, à cidade e porto da Beira. O *Documentário* reproduz aspectos muito curiosos da vida das circunscrições, apare-

cendo frequentemente escolas e hospitais como demonstração do interesse que a Companhia tem merecido as questões de ensino e assistência médica.

As últimas páginas recordam a passagem pelo Território de algumas personalidades ilustres, como sejam a duquesa de Aosta, duques de Connaught, príncipe D. Luis Filipe, príncipe de Gales, Dr. Armando Monteiro e H. Moffat, ministro da Rodésia do Sul. É particularmente interessante uma fotografia tirada em Macequece em 1907, na qual se vê o príncipe D. Luis Filipe acompanhado, entre outras pessoas, por Aires de Ornelas, conde da Ponte, almirante Pinto Basto, Freire de Andrade, D. António da Costa e almirante José Francisco da Silva.

O *Documentário Fotográfico* é completado por uma interessante monografia que apresenta, em síntese bastante elucidativa, o estado de adiantamento do Território nos vários ramos da administração pública e nos seus aspectos económicos.

Os orfeões «El Eco» e «Follas Novas», da Corunha em visita à Exposição

Os afamados grupos orfeónicos «El Eco» e «Follas Novas», da Corunha, visitaram em 23 de Setembro a Exposição, tendo efectuado uma esplêndida audição no Parque do Quis-sange e um festival no teatro Sá da Bandeira, tendo sido destacados com entusiásticos aplausos.

Acompanharam-os os srs. Alfredo Suarez Ferreira, alcaide da Corunha; Angel Campos Varela, alcaide de Vigo; Manuel Saragga Leal e Pestana de Vasconcelos, cônsules respectivamente, na Corunha e Vigo.

O êxito da Exposição Colonial

Sob a presidência do sr. dr. Manuel Fratel, secretário geral do Ministério, reuniu-se, há dias, o Conselho Superior das Colónias, aprovando um voto de congratulação pelo êxito brilhante da I Exposição Colonial.

Cabo Verde na Exposição

(Continuação da 1.ª página)

atenção naquela reunião de cientistas. Além destas, naturais de Cabo Verde que se encontram na metrópole frequentando escolas superiores, vieram à Exposição prestar gostosamente uma cooperação pela sua terra, prestando-se à interpretação dos seus artistas.

As actividades económicas trouxeram, pelos seus mostruários, a demonstração do seu apetrechamento, que mereceu do respectivo júri lisonjeiras recompensas. Mas no que se pôs o maior interesse foi na documentação das possibilidades das Colónias, referenciadas não só com amostras de produtos e artefactos, mas também com dados estatísticos tendentes a comprovar a necessidade de impulsionar o trabalho local adentro dum realização prática, eficiente e urgente.

Como o Governo da Colónia vem realizando uma importante obra de apetrechamento económico, expôs-se o conjunto do plano de realizações, especializando os obras de hidráulica agrícola.

De resto também se curou de demonstrar a obra realizada pela Administração Portuguesa, com larga documentação dos centros urbanos do arquipélago, das belezas panorâmicas, dos portos, estradas comerciais, dos edifícios públicos, das instalações de escolas, hospitais e tantos outros.

A vantajosa posição geográfica do arquipélago igualmente foi focada e não só pelo cartaz de propaganda, como pela *maquette* do Porto Grande de S. Vicente e estatística exposta em grande relevo do movimento dos cabos submarinos e estações rádio-telegráficas, se julgou bem a valia de Cabo Verde como centro de comunicações internacionais e etapa obrigatória de navegação transatlântica.

Da valerosa jornada que foi a Exposição Colonial Portuguesa, Cabo Verde decerto beneficiará vantajosamente.

Bem merece a Colónia pelo que vale e pelo que exprime e ainda pelo interesse que pôs no certame.

MACHADO SALDANHA.

O grandioso cortejo alegórico que foi a apoteose vibrante da Exposição Colonial

A Exposição Colonial Portuguesa, o grande acontecimento nacional de 1934, encerrou-se a 30 de Setembro com um êxito formidável que ultrapassou todas as expectativas, terminando com a apoteose do grandioso cortejo alegórico, que foi uma realização congnata cheia de movimento, impregnada de fé patriótica e ferida de comunicativa vibração sentimental, um documentário dinâmico e um espectáculo de surpreendente colorido.

Foi um notável e brilhante desfile que a todos extremamente impressionou ainda mesmo aqueles que estão habituados a assistir aos acontecimentos com gelida indiferença e sensibilidade embotada.

Foi um desses momentos que não mais se esquecem, que um povo cónscio da sua trajectória histórica e do seu destino não pode, nunca poderá olvidar.

Recordou-se um pouco do Passado, desse Passado glorioso, cuja chama ainda, felizmente, não extinta, tem sido a inspiração e o estímulo, no dobar do tempo, para arrojados empreendimentos e nobres atitudes. Exaltou-se o esforço de toda a obra dramática da colonização portuguesa, através dum friso de amargura, de heroísmos, desalentos e abnegação.

Veio depois o documentário palpitante de vida do Presente. Uma larga rajada de actividade! Presiou-se homenagem aos recursos e às afirmações de progresso da nossa Agricultura, Comércio e Indústria. Vieram, também, as Províncias de Portugal Continental. A Lavoura trouxe o seu convincente mostruário de trabalho, sintético mas expressivo e empolgante de cor. E como nota animada, como legenda estuante de vivacidade aos carros das três fontes de trabalho da Nação, surgem os ranchos regionais, cliché movimentado do Povo humilde, resignado e são, que luta e sonha, que canta e sofre desde os vergéis floridos do Alto Minho à imensa costa dourada de sol do Algarve.

Não faltaram também as crianças, nota amorável e simpática, mocidades a desabrochar com esperança para a vida dura de incertezas — os homens do Futuro, que não deixam, com o seu esforço, de dar continuidade à obra bem portuguesa da colonização.

O cortejo alegórico teve a imponência dos grandes acontecimentos. Evidenciou compostura, gravidade, vibração e sentimento.

Teve como cenário de fundo, à sua partida, a imensidade do oceano, que reverberava ao sol dourado deste outono acariciador. Atravessou todo o percurso indicado com ordem e sob a admiração entusiástica de muitas dezenas de milhares de pessoas. Passou junto à tribuna oficial sob o respeito de quem aprovava a sua finalidade. Entrou, por fim, no Palácio das Colónias, nessa moldura aliciante de tonalidades.

Momentos depois, com solene simplicidade, procedeu-se ao encerramento oficial da Exposição. Formaram os landins, a tropa de África in: p:ável que é orgulho dos portugueses. Alinhou um pelotão de Infantaria 18 com indumentária à colonial. A multidão comprimiu-se mais. Um toque de clarim vibra. Silêncio! Entre tanto que o dia vai ganhando manchas dum crepúsculo que se avizinha sereno e demorado, a bandeira de Portugal, o pavilhão verde-rubro que flutuou no mastro de honra desde 16 de Junho, ia serenamente, pesadamente descendo, ao som do hino nacional, pela mão do sr. ministro das Colónias, ao lado do qual, firme como estalua, perfilava-se o capitão Henrique Galvão, o realizador notável da Exposição e o animador infatigável e energético do grande cortejo de domingo.

O momento foi impressionante. Corações que bateram no mesmo ritmo. Viram-se lágrimas brilhar. Divizou-se uma nota de tristeza. A vibração sentimental comunicou-se.

Estava a Exposição oficialmente encerrada, entretanto que uma saudade — a saudade de um grande período vivido em êxtase e em glória — principiava a despontar...

Abrem o cortejo seis arautos. E logo surge, a cavalo, o Infante D. Henrique, o fundador da Escola de Sagres, loba negra sobre as armas, chapéu redondo de larga fita pendente. É intérprete do Infante de Sagres o actor Rui de Carvalho que se integrou em absoluto à beleza do seu símbolo. Veni, depois, os cavaleiros de Ceuta, a assinalar o período das Descobertas e das Conquistas. E logo o carro da Câmara Municipal do Pórtio, o carro de Gil Eannes, figura histórica desempenhada pelo actor Delmiro Rêgo. Uma legenda

vibrante — «Se mais mundo houvera — lá chegara!» E o simbolismo alto, reconfortante. Neptuno aponta ao Infante o sonho maravilhoso das descobertas. As duas figuras, esculpidas por Sousa Caldas em dias e noites febris, teem vida, intenção — palpitam. A caravela é frágil como um sonho.

— Duas crianças — os homens do futuro — seguram o brasão do Pórtio — a terra do Infante. Na base do carro, que foi concepção de Roberto Santos, — cinco figuras de mulheres representando os cinco continentes.

Ladeando o carro — mareantes do século XIV. Segundo carro — o das descobertas. O pintor José Luis Brandão, deu-lhe o melhor pedaço da sua alma. É o carro que conduz Vasco da Gama e seu irmão Paulo da Gama — os actores Robles Monteiro e Alvaro Benamor — o carro que leva Bartolomeu Dias, os oficiais, o piloto e mareantes. Uma legenda a fogo — Por mares nunca dantes navegados.

A Pátria, figura nobre de mulher, ergue no mão direita uma caravela. Junto de si o Padrão das Descobertas, ondas, golfinhos, instrumentos náuticos completam o conjunto.

Tambores rufando marcialmente. Indumentária garrida do século XV. Homens de armas vistosos, porta-estandartes. Um pajem, figura deitçada, de Boticelli, segura, pela arreata um cavalo aparatoso — o cavalo de D. João de Castro. E logo sob um rico pálio, que seis vereadores da Câmara de Goa conduzem processionalmente, o Vice-Rei da Índia que é representado pelo actor João Villaret. A majestade, a soberania de Portugal, do seu rei — «Senhor de Aquém e de Além Mar» — afirma-se naquele fausto, naquela opulência inevitável.

Ao grupo dos capitães da Índia, de que D. João de Castro é um símbolo, grupo colorido, vibrante de intenção patriótica, sucede-se o grupo bizarro dos colonizadores e exploradores do mato, o grupo dos bandeirantes — pioneiros da colonização portuguesa no Brasil — e a tropa colonial do século XVIII.

O grupo dos bandeirantes é dum pitoresco que sacode o povo. Os colonos marcham sob largas e policromáticas umbelais, que os criados seguem em respeito.

A lição continua — e tem na tropa colonial do século XVIII, constituída por um esquadrão de cavalaria 9, a mais bela e eloquente exemplificação.

O Ministro das Colónias e as autoridades militares e civis, que assistem na tribuna oficial, erguem-se — em continência.

A bandeira passa beijada pelo sol — como uma reliquia sagrada, o testemunho emocionante dum século que perdura na história.

E depois da tropa colonial de ontem — a tropa de hoje. É uma companhia de Infantaria 18 — fatos de «kaki» claro. Estão nêles a guarda do país, a guarda do Império.

Os comerciantes do interior de África, os que primeiro estabeleceram contacto com as populações indígenas, são ainda um precioso agrupamento histórico. Matos Sequeira curou com inteligência a parte exterior dos seus figurantes. Fumante, aviado, pombeiro, carregadores e machiteiros indígenas — teem carácter, expressão, alma própria.

Morais Sarmento surge, depois, conduzindo, a bandeira do Império.

Numa camioneta — concha rósea de róseos bambinos — os filhos dos antigos combatentes, os filhos que a Junta Patriótica do Norte salvou da voragem da miséria — agitam bandeirinhas rubro-negras, miniaturas da bandeira do Império.

E desfila um grupo compacto, emocionante — o dos antigos Combatentes coloniais, o dos velhos colonos e residentes nas colónias.

Num automóvel descoberto — dois heróis: Joaquim Coutinho, o glorioso 2.º cabo sobrevivente de Chaimite, um dos soldados de Mousinho, cavaleiro da Ordem da Torre e Espada, que a Câmara de Albergaria-a-Velha mandou como lídimo representante à Exposição — e o alferes António Ribeiro.

Dois heróis que o serviço da Pátria mutilou, dois heróis que a Pátria não esquece.

Ao lado, cavalga o secretário geral da Exposição Eduardo Lopes.

Aos velhos soldados e aos velhos colonos — sucedem os colonos de amanhã, os colonos do futuro. É um desfile enteneecedor de asilos e escolas.

Primeiro — os educandos do Seminário do Espírito Santo, o Seminário das Missões, com representações numerosas das casas de Godim, Guarda, Braga e Viana. Rapazes ladeados por padres — os pioneiros espirituais da nossa África, e da nossa Ásia.

Depois, um colégio de meninas de vestidinhos cor de rosa, os escoteiros, de passo tain marcial, os pequeninos do Asilo de S. João e os rapaziños do Asilo do Barão de Nova Sintra — de uniformes espelhanes e garbo militar. E ainda os rapazes do Internato Municipal com os seus fatos «gris» e a sua banda e os orfãos do Colégio do Monte do Seminário.

Vem, depois, o desfile dos carros das províncias ultramarinas, numa aliciante sinfonia de cor.

Cabo Verde abre o ciclo festivo. O carro de José Luis Brandão, fica logo em todas as retinas. A frente, cavaleigando com aprumo, Mouton Osório. O carro de linhas interseccionistas, é dum simbolismo apreensível: Um navio cortado por duas grossas colunas. Em cima, capiteis representando o mecanismo dos portos comerciais. Duas grandes palmeiras — expressão máxima da riqueza agrícola de Cabo Verde, situada no cruzamento de estradas e comunicações oceánicas.

E ladeando o carro, padrão de triunfo, em violeta e verde, os nativos do arquipélago, Antonino Mário e Luis Rendall, que a multidão salda.

O carro da Guiné, ideado e realizado por Ventura Júnior é dum amarelo vivo, impressionante. No alto dum trono, o escudo da Guiné encima, senta-se o regulo mandinga Mamadú-Sissé, de largo e envolvente manto claro. A seus pés — as bijagoz Isabel e Rozinha, com os diademas de Damas de Honor da Rainha das Colónias.

E ladeando o carro — bijagoz e balantas, dorsos nus, altos e belos, conduzem os produtos agrícolas da região.

S. Tomé é um carro de motivos estilizados, um carro gentilício. Um cesto enorme. Dentro — frutos de cacauero. José Luis Brandão, que o realizou, viu a província em luminosa síntese — viu-a como artista. Indígenas de Cabo Verde, vestidos com o maior rigor local, seguem o carro.

É ainda um símbolo que se ergue!

Angola — a grande e rica província. Carro de Roberto dos Santos. A cabeça enorme e máscula dum negro. Dois escudos, o de Angola e o de Portugal. Frente à negra o padrão de Diogo Cão, reprodução fidelíssima. No alto do carro — Maria, a virgem «quipungo», eleita «Rainha das Colónias».

Junto dela — outras raparigas da sua raça.

Moçambique anuncia-se pelos tocadores de marimbas.

Atrás deles segue o primeiro carro de Moçambique, o que representa a derrocada do Império Vátua. É uma concepção interessantíssima de Octávio Sérgio. Um cavaleiro — Mousinho de Albuquerque — abate fulminantemente um guerreiro Vátua. Dois símbolos que, por focarem factos relativamente remotos, todos compreendem e aplaudem. As figuras, trabalhadas por processos modernistas, teem movimento e vibração psíquica.

Ladeando o carro — pretos de ar selvático, os primitivos Vátuas.

Como síntese — o Carro da Companhia de Moçambique, espantoso de verdade. Ideou-o Roberto dos Santos. Sobre as ruínas do Império Vátua — a Indústria e o Comércio erguem uma civilização florescente. A Indústria marcha sobre os dorsos de 6 negros — que regam de suor e sangue o solo fértil de África.

Atrás — todos os indígenas da saldeia» de Moçambique.

E escoltando-o, guardando-o — soldados da Companhia de landins...

O carro da Índia. Um arco com as armas de D. Manuel. Um templo Indiano. Na frente — uma caravela de ouro, velas ao vento sobre o mar em cólera. Os bois que puxam o carro levam os chifres dobrados — à maneira indiana. Animando o carro, dando-lhe ambiente — os nativos daquela nossa província asiática, as bayadeiras de tónicas e clâmides em verde malva. Uma data sintética — 1497. E quatro nomes a erguerem-se como padrões — João de Castro, Afonso de Albuquerque, Duarte Pacheco e Francisco de Almeida...

Um pagode chinês, rico de lacas, espelhanes, todo a ouro e rosa. É o carro de Macau — realização de Octávio Sérgio. Dentro um Buda imponente. Quatro dragões de fauces hiantes guardam o

carro.

DR. ALBERTO PINHEIRO TORRES
Secretário-geral dos Congressos e Conferências

EDUARDO LOPES
Secretário-geral

MIMOSO MOREIRA
Director-sujeito

DR. ALBERTO PINHEIRO TORRES
Secretário-geral dos Congressos e Conferências

EDUARDO LOPES
Secretário-geral

MIMOSO MOREIRA
Director-sujeito

DR. ALBERTO PINHEIRO TORRES
Secretário-geral dos Congressos e Conferências

EDUARDO LOPES
Secretário-geral

MIMOSO MOREIRA
Director-sujeito



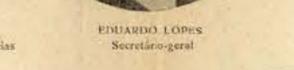
HENRIQUE GALVÃO
Director-titular



MIMOSO MOREIRA
Director-sujeito



DR. ALBERTO PINHEIRO TORRES
Secretário-geral dos Congressos e Conferências



EDUARDO LOPES
Secretário-geral



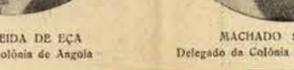
MIMOSO MOREIRA
Director-sujeito



DR. ALBERTO PINHEIRO TORRES
Secretário-geral dos Congressos e Conferências



EDUARDO LOPES
Secretário-geral



MIMOSO MOREIRA
Director-sujeito

templo — de decisiva eloquência. Dois guerreiros tocam fenomenais «ongs», criando ambiente estético àquele carro de maravilhoso exotismo.

Timor, o lindo carro de Ventura Júnior, fecha o ciclo alegórico. É uma síntese arquitetónica. Ao alto — uma habitação estilizada. Motivos decorativos — plantas de café e búfalos.

Figurantes substituem, com carácter, os timorenses.

Desfilam, lentamente exemplares inofensivos da fauna Africana. Dois búfalos de olhos mansos. Uma palanca, Bois da Guiné. Duas pacaças. Um camelo. Seguem os transportes típicos africanos, como um «rickshaw», um palanquim, uma machila.

Chega o carro «boer», puxado por dezóito — dezóito! — juntas de bois! Estêvão Amaranite é o improvisado boieiro.

O carro, ligeiro, destinado a caminhos invios, leva no interior colonos e pretos. Dos colonos, de fatos imaculadamente brancos, destaca-se Jorge Fiteiro. Entre os pretos, rapazes das Missões Católicas.

Agora — é a histórica sintética do «Ford» através de África. Desde o primitivo que tem o n.º 373 — Norte ao «Ford»-cama, para as grandes caçadas, pertencente ao industrial sr. Manuel Pinto de Azevedo, e ao «Ford» de transporte — o condutor dos algodões da nossa África.

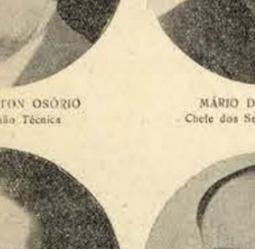
E a apoteose renova-se com o Carro do Comércio, projecto de Roberto Santos. As Associações Comerciais do Pórtio representam-se nobremente. Uma boneca estilizada, de larga saia redonda — uma saia Maiata. Mercúrio, vendido, presta-lhe homenagem — vasalagem eterna.



CARLOS GALVÃO
Chefe da Secretaria



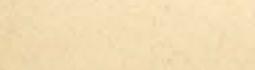
MÁRIO DE FIGUEIREDO
Chefe dos Serviços de Imprensa



EDUARDO LOPES
Secretário-geral



DR. ALBERTO PINHEIRO TORRES
Secretário-geral dos Congressos e Conferências



EDUARDO LOPES
Secretário-geral

Uma gloriosa jornada arrebatadora de fé e exaltação patrióticas

O brasão da cidade, aberto como um relictário, despeja sobre o mundo as mercadorias regionais. Destacam-se as caixas de vinho do Pórtio.

Raparigas adoráveis, de saias azul violeta, finamente estilizadas, ladeiam o carro, conduzindo, em açates artísticos, os produtos agrícolas norteños.

Atrás — António de Oliveira Calem, o prestigioso presidente da Associação Commercial do Pórtio, e Manuel Caetano de Oliveira, um precioso colaborador da Exposição.

O ministro e autoridades erguem-se — em homenagem aos nossos comerciantes. Vai depois o carro da Indústria — visão vertigem de Roberto dos Santos. É o carro da Associação Industrial Portuense. Sobre um soco de tijolo — uma quadriga romana, puxada por leões. No alto do carro — a figura da Indústria. E no seu sulco vitorioso — vai deixando o ouro, grandes notas decorativamente pintadas, o fruto do trabalho.

Bigornas, rodas dentadas — a orquestra da serra e do malho. Escoltando o carro, trabalhadores com o fato azul das oficinas e os pesados instrumentos do ofício.

É a epopeia inagráfica do trabalho. Xavier Esteves e os corpos dirigentes da Associação Industrial seguem atrás deste carro — que se impôs pelo dinamismo intenso, ultra-moderno.

Vieram, depois, os campos de Ribatejo — erguendo bem alto a bandeira da Associação Central de Agricultura Portuguesa.

A cavalo, compridas varas sobre os ombros passaram com estrépito, dando-nos um pouco da alma trepidante das campinas.

O grupo do Algarve, com mulheres de chapéus negros, rapazes de caras árabes, foi saldaado com fragor. E junto da tribuna ministerial — o grupo de adeonistas que os acompanhavam — tocou o hino algarvio, muito aplaudido.

E é então que Entre-Douro-e-Minho desfila ante a tribuna com os machados de milho, o típico carro com o espigueiro, o lindo rancho das padieiras, a gente da espada, o carro do linho, o grupo dos vindimadores com o seu carro — tudo em festa, tudo em riso, tudo em luz, tudo de sol! A organização pertence à Liga Agrária do Norte, à Associação Central de Agricultura Portuguesa e, ainda, ao sr. conde de Vilas-Boas.

Os «pauliteiros de Miranda» documentam a alma Transmontana — severa votada ao sacrificio eterno da terra. Dançam num ritmo que empolga. Reminiscências guerreiras que entusiasma. O público ovaciona-os com delírio.

A seguir — outro grupo Mirandês, o das capas de honra, pesadas como chumbo. Grupo de cor triste, de negra cor negra. Grupo que nos dá outro Portugal — que vem da noite dos séculos.

A Escola Agrícola de Paia, na Extremadura, apresenta a sua banda.

Desfila o Douro — com o carro do Instituto dos Vinhos do Pórtio, em violeta vivo. Uma barca navega sobre o Douro carregando o néctar precioso. Seguem-se os vindimadores, de blusas vermelhas, fexas negras, calças de cotim escuro. Depois — a alegria da chula. Um carro com uma dorna — atulhada de

ovos. O carro da Casa do Douro — simples, bonito, uma latada exposta ao sol. E nova região aparece — a Beira Litoral.

Aparecem, a seguir, as tricanas de Coimbra. A Beira Baixa representa-se com os malpiqueiros, grupo cheio de pitoresco. A fechar um carro da Serra da Estrêla com os seus pastores-robustos e os seus cães de guarda.

Carro de «O Século» — um esplêndido carro de linhas harmoniosas — que teve como objectivo simpático e patriótico, — a propaganda colonial.

Carro de Missões Católicas, de Octávio Sérgio e Roberto dos Santos, o mais simples, o mais emotivo. Uma cruz tallada num bloco de pedra. A ladear a cruz — os brasões das ordens religiosas. Duas colunas — duas piraes — onde se alteiam as chamas da Fé. Rosas e espinhos — dois símbolos da vida missionária.

Filas de missionários — barbas brancas veneráveis — frades Franciscanos, de cordão e sandálias, Missionários de Maria. Depois — um intervalo. «E — descreve com emoção e verdade o distinto e talentoso jornalista Juliano Ribeiro no *Journal de Notícias*, — a cavalo, chapéu na mão, simples, olhar cativante, o capitão Henrique Galvão. É a hora apoteótica. A multidão chama-o, saído-o com lenços, aclama-o, ovaciona-o. Ouve-se apenas, dum ac outro extremo da rua, este nome dito com vozes onde frene a terra e o reconhecimento — Galvão! Galvão! Galvão!

Em cabelo, seco, rosto tostado pelo sol de África e pelo sol da glória, aquêle homem, figura varonil de medalhão romano, que encarna um espírito novo, uma civilização nova, novos tempos contrapondo-se a velhos e românticos tempos, não se contém — e chora!

E o Povo que o compreendeu, que o sentiu, não lhe poupo aplausos, não lhe regateou aclamações.

As bandeiras históricas de Portugal, empunhadas pelos rapazes de metralhadoras 3, fazem um fundo de glória ao realizador ingente da Exposição e do Cortejo. Passa a banda de Angola e a tropa de África — firme, disciplinada, briosa. Seis horas e meia da tarde. Galvão entra no Palácio extenuado. Recebe-o nos braços, como a um irmão muito querido, o seu brilhante cooperador, Mimoso Moreira.»

Telegramas

O sr. capitão Galvão enviou no dia do encerramento do cortejo, o seguinte telegrama: ao sr. Presidente da República: «Ao encerrar-se solenemente a primeira Exposição Colonial Portuguesa, inaugurada por V. Ex.ª julgando interpretar o sentimento unanime de muitas centenas de milhares de portugueses que visitaram esta magnífica afirmação de vitalidade do Império, saúdo em V. Ex. o mais alto representante do Estado Novo, fazendo votos pela saúde e prosperidade de V. Ex.ª».

O Director da Exposição expediu para o Caramulo, dirigido ao Chefe do Governo, este outro telegrama: «Ao encerrar-se a primeira Exposição Colonial Portuguesa, cuja possibilidade de êxito se deve à magnífica obra realizada por V. Ex.ª em seis anos de Governo, julgando interpretar o sentimento unanime de muitas centenas de milhares de portugueses que visitaram esta exposição, envio a V. Ex.ª calorosas saudações.»

O sr. dr. Oliveira Salazar, domingo à tarde, telegrafou por sua vez ao sr. dr. Armindo Monteiro, ilustre Ministro das Colónias: «Não podendo assistir ao cortejo, último acto da Exposição que, com tanto brilho, foi realizada nessa cidade, mais uma vez cum-

primento V. Ex.ª pelo seu esforço em favor da ideia do Império Colonial e peço que transmita à Comissão, que o Governo, conscio do interesse nacional da Exposição do Pórtio, e do auxilio de toda a ordem prestado, agradece os esforços da sua realização e se congratula com os seus organizadores, pelos resultados obtidos. Peço, ainda, que comunique ao capitão Galvão, que não desejo esquecer a data de encerramento da Exposição e que o completo êxito desta se ficou devendo às suas qualidades de inteligência e de acção.»

O sr. ministro das Colónias, nesse mesmo dia, mandou expedir o seguinte telegrama a todos os governadores coloniais: «Ao encerrar-se a I Exposição Colonial Portuguesa, que foi uma tão grande vitória, agradeço a V. Ex.ª a preciosa colaboração prestada por essa Colónia.»

O Chefe do Estado telegrafou ao sr. capitão Galvão: «Agradeço reconhecido as saudações e penhorantes votos de V. Ex.ª ao encerrar-se a I Exposição Colonial Portuguesa e dirijo-lhe as minhas mais sinceras felicitações pelo êxito alcançado e conseguido pela sua grande tenacidade e brilhante acção. — General Carmona.»

O sr. presidente da Comissão Organizadora da Exposição Colonial fez expedir, por sua vez, os seguintes telegramas: «A Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República — Lisboa. — Em nome da Comissão Organizadora da I Exposição Colonial Portuguesa, que constituiu um êxito sem precedente no nosso país, venho agradecer calorosamente a V. Ex.ª o interesse com que acolheu e acompanhou a iniciativa das Corporações Económicas do Pórtio, sentindo que V. Ex.ª não pudesse ter assistido ao cortejo de encerramento, que foi uma impressionante apoteose ao nosso Império Colonial. Congratulando-me com o admirável sucesso do certame por V. Ex.ª, sotentemente inaugurado, apresento a V. Ex.ª calorosas saudações e os mais respeitosos cumprimentos. — (a) António de Oliveira Calem.»

«A Sua Ex.ª o sr. presidente do Conselho de Ministros — Lisboa. — Em nome da Comissão Organizadora da I Exposição Colonial Portuguesa, que constituiu um êxito sem precedentes no nosso país, venho agradecer a V. Ex.ª o auxilio moral e financeiro que se dignou dispensar à realização do certame, eficiente demonstração do nosso esforço colonizador, que fechou com um cortejo que foi uma admirável apoteose ao nosso Império Colonial. Manifestando por V. Ex.ª profundo reconhecimento por tão valioso concurso, apresento a V. Ex.ª os mais respeitosos cumprimentos. — (a) António de Oliveira Calem.»

«A Sua Ex.ª o sr. Ministro das Colónias — Lisboa. — Congratulando-me com o êxito admirável da I Exposição Colonial Portuguesa, que V. Ex.ª desde a primeira hora tão desveladamente acarinhou, promovendo activamente a congregação de todos os elementos coloniais e metropolitanos que pudessem concorrer para a grandeza e eficiência do seu objectivo, venho em nome da Comissão Organizadora manifestar a V. Ex.ª o nosso profundo reconhecimento, fazendo votos por que este certame marque a primeira fase dum era de glorioso ressurgimento do Império Colonial Português. Respeitosos cumprimentos. — (a) António de Oliveira Calem.»

O sr. António de Oliveira Calem, presidente da Associação Commercial do Pórtio, dirigiu, também, ao sr. Ministro das Colónias o seguinte telegrama: «Em meu nome pessoal e no da Direcção da Associação Commercial do Pórtio, venho agradecer penhoradamente a V. Ex.ª a honrosa distincção que lhe conferiu, entregando-lhe como seu presidente e da Comissão Organizadora da I Exposição Colonial Portuguesa, a bandeira que esteve hasteada no Palácio das Colónias desde o dia da inauguração solene do certame. A Associação Commercial do Pórtio guardará desvanecidamente a histórica bandeira, como símbolo do ressurgimento do nosso Império Colonial. Profundamente reconhecido, apresento a V. Ex.ª os meus respeitosos cumprimentos. — (a) António Calem, presidente.»

O sr. António de Oliveira Calem, presidente da Associação Commercial do Pórtio, dirigiu, também, ao sr. Ministro das Colónias o seguinte telegrama: «Em meu nome pessoal e no da Direcção da Associação Commercial do Pórtio, venho agradecer penhoradamente a V. Ex.ª a honrosa distincção que lhe conferiu, entregando-lhe como seu presidente e da Comissão Organizadora da I Exposição Colonial Portuguesa, a bandeira que esteve hasteada no Palácio das Colónias desde o dia da inauguração solene do certame. A Associação Commercial do Pórtio guardará desvanecidamente a histórica bandeira, como símbolo do ressurgimento do nosso Império Colonial. Profundamente reconhecido, apresento a V. Ex.ª os meus respeitosos cumprimentos. — (a) António Calem, presidente.»

O sr. António de Oliveira Calem, presidente da Associação Commercial do Pórtio, dirigiu, também, ao sr. Ministro das Colónias o seguinte telegrama: «Em meu nome pessoal e no da Direcção da Associação Commercial do Pórtio, venho agradecer penhoradamente a V. Ex.ª a honrosa distincção que lhe conferiu, entregando-lhe como seu presidente e da Comissão Organizadora da I Exposição Colonial Portuguesa, a bandeira que esteve hasteada no Palácio das Colónias desde o dia da inauguração solene do certame. A Associação Commercial do Pórtio guardará desvanecidamente a histórica bandeira, como símbolo do ressurgimento do nosso Império Colonial. Profundamente reconhecido, apresento a V. Ex.ª os meus respeitosos cumprimentos. — (a) António Calem, presidente.»

O sr. António de Oliveira Calem, presidente da Associação Commercial do Pórtio, dirigiu, também, ao sr. Ministro das Colónias o seguinte telegrama: «Em meu nome pessoal e no da Direcção da Associação Commercial do Pórtio, venho agradecer penhoradamente a V. Ex.ª a honrosa distincção que lhe conferiu, entregando-lhe como seu presidente e da Comissão Organizadora da I Exposição Colonial Portuguesa, a bandeira que esteve hasteada no Palácio das Colónias desde o dia da inauguração solene do certame. A Associação Commercial do Pórtio guardará desvanecidamente a histórica bandeira, como símbolo do ressurgimento do nosso Império Colonial. Profundamente reconhecido, apresento a V. Ex.ª os meus respeitosos cumprimentos. — (a) António Calem, presidente.»

O sr. António de Oliveira Calem, presidente da Associação Commercial do Pórtio, dirigiu, também, ao sr. Ministro das Colónias o seguinte telegrama: «Em meu nome pessoal e no da Direcção da Associação Commercial do Pórtio, venho agradecer penhoradamente a V. Ex.ª a honrosa distincção que lhe conferiu, entregando-lhe como seu presidente e da Comissão Organizadora da I Exposição Colonial Portuguesa, a bandeira que esteve hasteada no Palácio das Colónias desde o dia da inauguração solene do certame. A Associação Commercial do Pórtio guardará desvanecidamente a histórica bandeira, como símbolo do ressurgimento do nosso Império Colonial. Profundamente reconhecido, apresento a V. Ex.ª os meus respeitosos cumprimentos. — (a) António Calem, presidente.»



OCTAVIO SÉRGIO
Pintores que trabalharam na parte artística da Exposição e do Cortejo



Recompensas merecidas aos expositores oficiais e particulares das Colónias e da Metrópole

Grande Prémio

Oficiais:

Sociedade de Geografia (3); Arquivo Histórico Colonial; Museu Militar de Lisboa; Coronel José Joaquim Ramos; Museu Alvaro de Castro; Escola de Medicina Tropical; Direcção dos Serviços de Administração Civil de Lourenço Marques; Ministério da Marinha; Arsenal de Marinha (Construções Navais); Direcção do Porto e Caminho de Ferro de Mossamedes; Agência Geral das Colónias (6); Direcção dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques; Museu Agrícola Colonial; Jardim Colonial; Direcção dos Serviços de Agricultura de Lourenço Marques; Direcção dos Serviços de Pecuária de Angola; Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos de Lisboa; Repartição de Indústrias e Minas dos Serviços Geológicos de Moçambique; Companhia de Diamantes de Angola; Companhia Geral de Angola - Luanda; Companhia de Açúcar de Angola; Sena Sugart Stats. Lda; Sociedade Colonial de Tabacos, Lda; A. George C.; Lourenço Marques; Empresa de Tabacos de Angola - SITAL (2); Sociedade Industrial de Tabacos de Angola, Lda; Sing Ping C.; Macau; Fábrica de Cimentos da Matol; Imprensa Nacional de Angola; Imprensa Nacional de Lourenço Marques; Empresa Gráfica de Angola; Minerva Central - Lourenço Marques; Fábrica Nacional de Moagens e Massas Alimentícias de Lourenço Marques; Governo da Colónia de Cabo Verde (2); Governo da Colónia da Guiné (2); Governo da Colónia de Angola (2); Governo da Colónia de Moçambique (2); Governo da Colónia da Índia (2); Governo da Colónia de Macau (2); Governo da Colónia de Timor (2); Missão Portuguesa de S. Jerónimo de Magde - Moçambique; Direcção dos Serviços de Administração Civil de Moçambique; Companhia da Zambézia; Companhia do Borsari; Companhia da Ilha do Príncipe; S. Tomé; Conselho Nacional de Turismo (Ministério do Interior, Lisboa); Jornal «O Século» - Lisboa; Instituto de Antropologia da Universidade do Porto; Faculdade de Medicina do Porto; Monteiro de Barros - Lourenço Marques; Direcção dos Caminhos de Ferro de Benguela; Boletim Geral das Colónias, publicação oficial da Agência Geral das Colónias; A Província de Angola, jornal de Luanda.

Metrópole:

Brandão & C., Lda; Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro (2); Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas; Sociedade do Chi Oriental; Companhia Agrícola e Comercial dos Vinhos do Porto (Ferreirinha) (2); Instituto do Vinho do Porto; Adriano Ramos Pinto & Irmão, Lda; Fábrica Vitória, Lda; Sociedade Industrial Aliança; Casa do Douro; Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes; Miguel de Sousa Guedes & Irmão, Lda; A. A. Calen & Filhos, Lda; Santos & Lima; Cândida Celeste Nogueira Alves; Companhia de Fiação e Tecidos Rio Vizela; Azevedo, Soares & C.; Guilherme Graham Júnior; Companhia do Carvão das Minas de S. Pedro da Cova; J. Carvalho & Irmão; Pimentas & C.; Fábrica de Tapetes de Beiriz; Companhia Industrial de Fundição; H. Vautier & C.; Litografia Nacional; A Alumina, Lda; A Bisalita, Lda; Ourivesaria Cunha; Sociedade de Perfumarias Nally, Lda; Mário Navega; Fábrica de Borracha Luso-Belga (Vitor C. Cordier, Lda); Fábrica das Antas; Ach. Brito; Empresa de Cimentos de Leiria; Corporação Industrial do Norte, Lda; Ourivesaria Aliança; Companhia do Cimento Têjo; Empresa Electro Cerâmica; Cortez, Pinto & Pimentel; Fábrica Jerónimo Pereira Campos; Alfredo Moreira da Silva & Filhos; Fábrica de Louça de Sacavém; Fábrica de Porcelanas «Vista Alegre»; A Favorita, Lda; António Pereira Soares - Porto.

PAVILHÕES

Recompensas especiais pela sua construção

Classe de «conjuntos» (exterior e interior) - Grande Prémio, Companhia de Moçambique.
Classe «artísticas» - Grandes prémios: Fábrica de Fiação e Tecidos Rio Vizela; Guilherme Graham Júnior; diploma de honra, Banco de Angola.

Classe «coloniais» (tipo de casas originais) - Grande prémio, Corporação Mercantil Portuguesa, Lda.

Classe de «evocativos» - Grande prémio, «O Século».

Classe de «exotismo» - Grande prémio, Fábrica de Louça de Sacavém, Lda; diploma de honra, Companhia União Fabril Portuense e Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão, Lda.

Classe «originais» - Grande prémio, Mário Navega; diploma de honra, Companhia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova e Sociedade de Perfumarias Nally, Lda.

Diploma de Honra

Oficiais:

Batalhão de Sapadores Mineiros; Museu Militar; Escola Superior Colonial; Instituto Superior de Agronomia; Escola Superior de Medicina Veterinária; Escola de Medicina Tropical; Museu Agrícola Colonial; Sociedade de Geografia; Jardim Colonial; Escola de Medicina de Nova Góá; Universidade do Porto; Repartição de Saúde e Higiene do Ministério das Colónias; Direcção dos Serviços de Saúde - Lourenço Marques; Direcção dos Serviços de Saúde - Angola - Luanda; Bispo de Angola e Congo; José Hospitalares Franciscanas; Irmãs S. Irmãs de Colúny; Irmãs Franciscanas de Maria; Congregação dos Padres Jesuítas; Congregação dos Padres Seculares; Congregação dos Padres Espiritu Santo; Congregação dos Padres Franciscanos; Comissão de Cartografia do Ministério das Colónias; Câmara Municipal de Luanda; Arsenal de Marinha; Companhia Nacional de Navegação; Direcção dos Serviços dos Portos e Caminhos de Ferro de Angola - Luanda; Direcção dos Serviços de Agricultura de Angola; Direcção dos Serviços de Moçambique; Repartição de Indústrias e Minas de Angola; Repartição dos Serviços de Obras Públicas de Timor; Costa & C.; Margão, E. Ginwalla - Lourenço Marques; Sociedade Agrícola do Casseque; Fábrica de Cimentos da Ilha Verde - Macau; Imprensa Nacional de Macau; António Duarte Peço - Humpata; Luis Gonçalves Durão - Maputo - Lourenço Marques; Delfim A. Grilo & C.; Luanda; Fábrica de Cerveja Nacional - Lourenço Marques; Pavilhão da Coruña; Pavilhão de Vito; Companhia Agrícola e Fabril da Guiné; Companhia Agrícola de Angola (Cada); Grémio do Milho Colonial - Lisboa; Societé do Madal Bobone Bonet & C.; Companhia da Roça Boa Entrada - S. Tomé; Companhia Geral dos Algodões de Angola; Societé Coloniale Luso-Luxemburgaise - Moçambique; Companhia de Cabinda; Compagnie Cotoniére do Mozambique; Marques Seixas & C., Lda - Lisboa; Companhia Agrícola das Neves - S. Tomé.

Metrópole:

Guilherme Graham Júnior (2); Tenório & Madeiras, Lda; Leiteira da Quinta do Paço; Sociedade de Produtos Agrícolas; Figueira & Estêves, Lda; Assis & C. (Empresas das Águas de Moura); A. Jaime Albergaria, Filhos; Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro; Companhia Agrícola e Comercial dos Vinhos do Porto (Ferreirinha); Cavas da Raposeira; Sociedade Industrial Aliança; Sociedade dos Vinhos António Ferreira Meneres; José António Cabral & Filhos; Macieira & C., Lda; Morgado & Silva; Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão (3); Companhia Fabril do Cavado; Empresa do Calçado Atlas; Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaca; Emília da Silva Carvalho; Mesquita & Pimentel; Azevedo, Soares & C., Lda (2); Fábrica de Branqueação e Acabamentos; Companhia Fabril de Salgueiros; Camisaria Confiança; Fábrica de Estamparia de Lavadores; Fábrica de Lanifícios de Lordelo; Fábrica de Penas de Aço (Zelzerino Alves Moreira); Almeida, Coelho & Carvalho, Lda; Manuel Ferreira Gomes; Ernesto Augusto Grilo; A Portuguesa Editora, Lda; Companhia Hortícola Agrícola Portuense; M. B. B. Teixeira, Lda; Perfumaria Confiança; Concrecto, Lda; Manuel Ferreira Cancela; João dos Anjos; Mendes Pereira, Filho, Lda; Fábrica de Cortumes do Seminário; Vieira & Reis, Lda; João Tomaz Cardoso & Filho, Suc.; Casa Tomaz Cardoso; Sociedade Nacional de Fósforos; Companhia Lusitana de Fósforos; Companhia Industrial Restreira; Diogo Barbot & C., Lda; Companhia Portuguesa de Ma-

deiras; Guilherme Ferreira Thidim; José Ferreira Thidim; Ourivesaria Aliança; Oficina de Metalurgia Landolt; A. Salgado; Aurélio António Domingos & C., Lda; Agostinho Riton Peres; Manuel Francisco da Costa, Lda; União Metalúrgica da Foinha; Fábrica de Porcelanas «Vista Alegre»; José Francisco da Silva, Filho & Genro; A Gardénia, Lda; Albino de Matos P. & Barros, Lda; A Fostoreira Portuguesa; «Diário da Manhã», jornal de Lisboa; «O Comércio do Porto», jornal do Porto.

Medalha de Ouro

Oficiais:

Jorge & C., Lda (Farmácia Moderna) - Macau; Fred de Sá - Índia; Escola de Artes e Ofícios de Moçambique; Fotografia Portuguesa - Lourenço Marques; António Domingos Ferreira - Angola; Societé Francisa do Cap-Vert - Cabo Verde; Francisco da Silva Lobo - Moçambique; António do Couto Pinto - Angola; Fazenda Aurora, Lda - Bailundo; Francisco Mantero, Lda; Sociedade de Agricultura Colonial - Lisboa; Sociedade Agrícola de Queluz; Companhia Agrícola Angolares; Sindicato de Pescado Mossamedes; Alfredo Martins Ferreira - Angola; Pedro Cirilo Gomes - Cabo Verde; Fábrica de Cortumes Lola - Angola; João Martins Ribeiro - Chibia; Escola de Artes e Ofícios da Moamba - Lourenço Marques; Almoarifada da Fazenda de Moçambique; Escola de Artes e Ofícios da Moamba - Moçambique; Missão de S. Jerónimo de Magde; Missão de S. José de Langueira; Escola Oscar Terres - Sá da Bandeira; Herdeiros de José Augusto Ferro - Santo António - Cabo Verde; Empresa do Lobito Planalto; The Victoria Gold Street & Ice Factory, Lda - Lourenço Marques; José Caetano Dias - Lourenço Marques; Yee Mow Tai - Macau; Nho Lene - Macau; Cha Yan Lan - Macau; Esmael Abouak - Lourenço Marques; Herculan Ferreira - Luanda; Chan Tin Que - Macau; Chun Lung Hing - Macau; Long Wing Hing - Macau; Kwong Hing Tai - Macau; Kuong Yen - Macau; Tung Yeen - Macau; Une Xan - Macau; Tai Cong - Macau; Hin Kee - Macau; David Belmont Boavista - Cabo Verde; J. Nascimento & Filho - Cabo Verde; Kwong Long Ineu - Macau; Dr. Valente de Sousa - Índia; Missão Católica de Cabinda; Missão Católica de Luanda; Clarimundo de Faria Andrade - Brava; Pedro Cirilo Gomes; Viagens Latina; Companhia Agrícola do Casengo - Angola; Agência Geral das Colónias (10); Câmara Municipal de Dondo; Direcção dos Serviços de Administração Civil de Moçambique; Direcção de Obras Públicas de Cabo Verde; Direcção dos Serviços de Agrimensura e Minas da Índia Portuguesa; Direcção dos Serviços de Obras Públicas de Timor; Costa Mota (Escultor); Alberto de Sousa; Instituto Superior de Comércio do Porto; Escola Infante de Sagres; Escola Normal Luis de Camões - Nova Góá; Liceu Central de Afonso de Albuquerque - Nova Góá; Liceu Central Cinco de Outubro - Lourenço Marques; Liceu Central Salvador Correia - Luanda; Liceu Central Infante D. Henrique - Cabo Verde; Liceu Nacional da Huila - Sá da Bandeira; Liceu Nacional de Macau; Museu Alvaro de Castro - Lourenço Marques; Direcção dos Serviços de Cabo Verde; Instituto Botânico Júlio Henriques - Coimbra; Instituto de Zoologia da Universidade do Porto; Instituto de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto; Museu e Laboratório Meteorológico, Geológico da Universidade do Porto; Observatório Meteorológico e astronómico de Campo Rodrigues - Lourenço Marques; Observatório Meteorológico Guilherme Capelo - Luanda; Governo Geral de Angola; Companhia Colonial de Navegação; Repartição dos Faróis de Lourenço Marques; Câmara Municipal de Luanda; Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aereos, Lda; Caminho de Ferro de Benguela; Direcção dos Portos e Caminhos de Ferro - SUL DE ANGOLA; Repartição dos Serviços Agrícolas e Pecuários de Cabo Verde; Repartição dos Serviços Agrícolas da Guiné; Direcção dos Serviços de Agricultura da Índia - Nova Góá; Repartição dos Serviços de Agricultura de S. Tomé; Repartição dos Serviços de Agricultura de Timor; Societé Minière et Zoologique du Zambéze; Companhia das Minas de Cobre do Bembe; Companhia de Pescarias de Angola; João M. Madeira - Mossamedes; Empresa Fabril de Conservas de Peixe; Companhia de Mos-

samedes; Cooperativa Industrial - Margão; Kwong Me Chun & C. - Macau; Hip Cheong - Macau; Sun Tack Loong C., Lda - Macau; Sun Tack Loong Weng Kee C. - Macau; Sun Tack Loong Camed C. - Macau; Fook Tai Hing - Macau; Wing Sang - Macau; M. Ribeiro de Almeida (2); Herculan Ferreira - Luanda; Sociedade de Sabões da Munhava (2); Sebastião da Costa - Dilly; Nationale Candle - Índia; J. S. Gujral - Moçambique; Companhia dos Tabacos de Cabo Verde; Empresa Industrial de Calcários - Moçambique; Hum Pipe - Lourenço Marques; Sociedade Industrial de Vernizes - Luanda; Cortez Curado (Farmácia Ultramarina) - Benguela; Cruz Vermelha Portuguesa; «A Voz do Planalto», jornal de Nova Lisboa - Angola; «Notícias de Cabo Verde», jornal de S. Vicente de Cabo Verde.

Metrópole:

A. Pinto dos Santos Júnior & C. (3); Sociedade Mercantil do Porto (2); Simões & Irmão, Lda; Companhia Arrozeira Mercantil; José Ferreira Botelho; José António Cabral & Filhos; Brandão & C., Lda; Wiesse & Kron C., Lda; Sociedade Mercantil e Industrial, Lda; Companhia União Fabril Portuense; António da Rocha Leão, Suc. (3); Eduardo Pereira Pinto & Filhos (2); Companhia das Linhas Coats & Clark; Empresa Industrial de Sampedro, Lda; Artur Gonçalves da Silva; Consórcio de Chapela; Carlos Joaquim Tavares, Suc.; António de Oliveira Borges; Companhia de Fiação Portuguesa (2); Casa das Galvândices; Companhia de Fiação e Tecidos do Porto; Fábrica de Tecidos Avenida, Lda; Empresa Textil da Guca, Lda; Sampaio, Ferreira & C., Lda; Marques Seixas & C.; A. C. da Cunha Moraes, Lda; António Gomes de Sousa, Filho & C.; Manuel de Sousa Lopes; Armando Pinto & Irmão; Francisco Ottero Salgado, Lda; Fábrica de Fiação e Tecidos (A. J. da Silva Pereira); Chapelaria Baptistica; Companhia Rio Ave; Mário Soares Peixoto; Firmino Cardoso; Joaquim José Ribeiro Suc.; A Primorosa, Lda; A Imperial Textil, Lda; Fábrica do Papel do Gaima; Electro Bazar (Angelo & Irmão); Serafim Ramos, Lda; J. Bichman, Suc.; Eduardo Ferreira & Irmão; José Martins Marques; Ourivesaria Cunha; Anibal Tavares; Sociedade de Perfumarias (Gonçalves & Gomes); Centro Industrial de Ferragens, Lda; Fábrica de Pentes, Lda; Floriano Brandela; António Saldanha (Wanzler); Gomes da Costa; Nuno Salgueiro; Guimarães Pestana, Lda; Alfredo Carneiro de Vasconcelos & C.; J. Mota; António Peixoto; Fábrica Portuguesa de Balanças; Edmundo Adriano; Angel Beauvallet; Manuel Francisco da Silva & C.; A. F. de Oliveira & Silva; Martins & Irmão - Longra; «Jornal do Comércio e das Colónias», Lisboa; «O Mundo Português», revista de Lisboa; «O Século», jornal de Lisboa; «O Primeiro de Janeiro», jornal do Porto; «Portugal Colonial», revista de Lisboa; «Civilização», revista magazine do Porto; «Diário de Notícias», jornal de Lisboa; «A Acção Colonial», revista do Porto.

Medalha de Prata

Oficiais:

Câmara Municipal de Benguela; Arsenal de Marinha (Construções Navais); Ateneu Comercial do Porto; Direcção dos Serviços de Agrimensura de Moçambique; Liceu Municipal Dr. Francisco de Almeida - Mapuçá; Liceu Municipal D. João de Castro - Margão; Escola Nacional Feminina - Nova Góá; Escola Primária Superior Barão de Mossamedes - Mossamedes; Escola Rita Norton de Matos - Luanda; Direcção dos Serviços de Estatística de Cabo Verde; Câmara Municipal da Cidade da Praia - Cabo Verde; Capitania do Porto de S. Tomé; Repartição dos Serviços de Marinha da Guiné; Departamento Marítimo de Angola; Capitania do Porto de S. Vicente de Cabo Verde; Direcção dos Serviços de Agricultura de Cabo Verde; Joséfina Hongar - Nova Góá; Nara Ganexa Lantle - Margão; Gonopet Sensor Tormel - Margão; Carapuç & Irmão - Nova Góá; Bragança & C.; How King; José Lourenço - Lubungo; J. Estêvão Ferreira - Moçambique; Sociedade Industrial Ultramarina; Missão Portuguesa de S. Jerónimo - Maquid; Empresa Cerâmica da Boavista; Fábrica Cerâmica de Magude; Manuel Joa-

Informação da Quinzena

A partida da tropa de África

Os Landins e a Banda Regimental de Angola que desde o início da Exposição se encontravam no Pôrto, onde vieram fazer a guarda de honra à Exposição Colonial, seguiram em 1 do corrente para Lisboa, de onde embarcaram a 13 para a sua origem.

Apuramdo grupo de militares, disciplinados e vigorosos, os Landins, descendentes dessa falange de guerreiros negros que na África contribuíram com o seu esforço para a obra de ocupação, foram nesta cidade, durante a sua permanência, muito apreciados. Mas não foi só no Pôrto que a tropa de África arrancou justos elogios pelo seu garbo e correcção. Em Vigo e em várias terras da Província, frases de admiração seguidas de aplausos foram dedicadas à impecável «allure» dos Landins.

A tropa de África saiu de Metralhadoras 3 onde esteve aquartelada, pelas 15 horas e meia, seguida de inúmeros populares que, pelas ruas do percurso até S. Bento, aumentaram extraordinariamente.

No átrio da estação, à passagem da tropa, a multidão irrompeu em aplausos, tentando invadir a estação, tendo de intervir a policia.

A despedida foram muito cumprimentados os srs. capitão Silva Carvalho, comandante; os tenentes Bastos Horta, Augusto Spencer e Francisco Teixeira e o chefe da banda 1.º sargento José Lopes, — oficiais bravos que zrlaram sempre pela compostura e disciplina do contingente militar de Moçambique e Angola.

A aviação homenageando o Ceretame

Vouu no domingo 23 de Setembro pelas 15 horas e meia, a grande altura, sobre o Palácio das Colónias uma formação de oito aviões militares vindos do campo de Espinho, comandados pelo major Maia, em homenagem à Exposição.

No aparelho tripulado pelo major Maia vouu o sr. capitão Henrique Galvão; no do capitão Dias Leite o sr. Mimoso Moreira e no do capitão Oliva Teles o sr. Cláudio Mourão.

O DIA DA GUINÉ — A sua comemoração

O «Dia da Guiné» foi no domingo 23 de Setembro comemorado com grande brilhantismo no recinto da Exposição, encerrando-se, assim a série de homenagens a todos os nossos domínios ultramarinos, promovida pela direcção do certame com o patriótico intuito de estreitar ainda mais os fortes laços que unem os nativos das colónias aos metropolitanos.

Essas comemorações tiveram como principal objectivo prestar homenagem às altas

qualidades de militar, e de patriota do heróico capitão João Teixeira Pinto, o pacificador da Guiné, cuja acção permitiu que a administração da colónia fosse orientada numa rápida realização de ocupação e apetrechamento.

Pelas 17 horas realizou o microfone do pósto da Rádio-Sonora da Exposição, o sr. tenente-coronel Leite de Magalhães, antigo governador da Guiné, a sua anunciada conferência subordinada ao tema: «A cruz e a espada ao serviço do Império».

Começou por fazer uma resenha histórica da época dos descobrimentos, que transformaram a pequena «Casa lusitana» num vasto império, alongando-se em considerações sobre a alma nacional e a tradição heróica, que julga absolutamente necessárias à vida dos povos.

E, a-propósito, citou autores e factos, para demonstrar que a «mística ancestral da alma portuguesa» renasceu ao fim de um século com o emsamgo do espirito demagógico, insusceptível de destruir a Fé, «que tanto mais se robustecia quanto mais a maltratavam», quer na metrópole quer no Ultramar.

— Aqueles portugueses que, no século agosto de Quinhentos, se embarcaram para fundar os «Algarves de além-mar», deixaram-nos indicados, em cerca de 16,00 léguas de costas, qual era a sua maneira de construir nações, a fortaleza, a feitoria e a igreja erguiam-se conjuntamente, para nelas se apoiar a formação do Império. Era no prestígio da autoridade, no intercâmbio das produções e na perfeita comunhão das almas que os nossos maiores consubstanciavam as ideias-mestras da nossa dilatação transoceânica. E em toda a parte onde se deu a acção conjugada desses três elementos de ocupação e domínio — a força, o comércio, a religião — al lançou e mergulhou raízes eternas a raça portuguesa. Há um exemplo vivo: o Brasil. O Império Português perdeu-o; mas a raça portuguesa conservou-o. E ainda português pela lingua e pelo espirito. Mas é sobretudo nos domínios do espirito que ele mais se irmana ao nosso Portugal de antanho; na sua moral e na sua fé, ficou o Brasil a ser o guardião devotado e firme das melhores virtudes da alma lusitana. E que, no Brasil, a obra civilizadora da Companhia de Jesus não foi inferior à obra construtiva dos nossos capitães.

E' frequente ouvir-se que os nossos homens de antanho foram apenas uns conquistadores ousados. E, quasi deprimidamente, insinua-se que os mares foram devassados numa ambição de rapacidade ou de mercantilismo grosseiro. Assim fala a anti-Nação! Há, porém, no sentido contrário o depoimento eloquentíssimo da mais irrefutável documentação histórica. E o que ela nos diz é que, desde a primeira hora, nós soubemos ser colonizadores sábios e perfeitos.

«Esta Exposição Colonial é todo o nosso passado que se recorda — onde se tornam

resplandecentes as glórias e as virtudes da nossa grei, dando-nos a certeza de que o ideal lusitão já revive e de que será definitiva a vitória dos nossos Mortos...

«Ocupa-se-se, em seguida, da comemoração do dia da Guiné, fazendo o elogio caloroso do capitão Teixeira Pinto — o bravo soldado, chamado o «Pacificador da Guiné».

Relembra a sua acção e as campanhas que encheram de glória o seu nome e cita o nome de Mamado Sissé, dedicado e intemerato companheiro de Teixeira Pinto em todas as campanhas da pacificação da colónia, que ganhou em combate os seus galões de alferes e de tenente de 2.ª linha e que faz hoje parte da «embaixada gentílica» enviada pela Guiné à Exposição Colonial.

Terminada a conferência do sr. tenente-coronel Leite de Magalhães, realizou-se na praça do Império uma imponente cerimónia, durante a qual foi prestada homenagem às qualidades de colonizadores dos portugueses.

Junto do monumento ao esforço colonizador formaram as representações étnicas de todas as colónias. Assistiram os srs. Mimoso Moreira, tenente-coronel Leite de Magalhães, funcionários superiores do certame e muito povo.

O régulo da Guiné Mamado Sissé descerrou, então uma lápide colocada na base do monumento, comemorativa da homenagem.

A assistência aplaudiu calorosamente, sendo erguidos «vivas» a Portugal.

Nas aldeias da Guiné houve, à noite, grandes festivais gentílicos, com batuques e danças, que foram muito apreciados pelos visitantes.

Na praça do Império, realizou-se, ainda, em homenagem à Guiné, uma ginkana pelos indígenas daquela colónia.

— Foi profusamente distribuída uma artística «plaquete» de homenagem ao capitão João Teixeira Pinto.

Sessão solene e baile em honra dos srs. Expositores

Em 27 de Setembro, a Comissão Organizadora da Exposição efectuou no salão de festas do Palácio das Colónias uma sessão solene para a distribuição de prémios aos expositores classificados, oferecendo-lhes em sua honra um baile, que decorreu com animação e todo o luzimento.

O movimento de veículos

Para se aiaar do enorme movimento na cidade, durante o último dia da Exposição Colonial, bastará dizer que, desde as 8 horas da manhã de domingo às 8 horas da manhã de segunda-feira, nas barreiras da cidade entraram: 3:350 automóveis e 465 camionetas; e saíram 3:025 autos e 453 camionetas.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

quim Ramiro: Escola de Artes e Offícios de Moamba — Moçambique; Empresa Industrial Portuguesa — Nova Góia; Bay Anna — Índia; Oliveira Beirão & C.ª Lda — Práia — Cabo Verde; Yan Yan — Macau; Dun Dun — Macau; Si San — Macau; Missão Católica do Dylli; José de Matos — Cabo Verde; Manuel Lopes da Silva Júnior — Cabo Verde; Metal Manufacturing C.ª Lda — Macau; Tou Chan — Macau; António do Couto Pinto — Malange — Angola; Hig Cheong — Macau; Empresa da Água do Tomo — S. Vicente — Cabo Verde; Chan Ian Lan — Macau; Tam Mon Lan — Timor; Tat Cheung — Macau; Loi Fong — Macau; Chan Lan Lan — Macau; James Tobaco W. G. G. C.ª; Sociedade Agrícola de Queluz Lda — S. Tomé; Capitão Jorge de Barros — Luanda; Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto; Sociedade de Oligonozas de Quissanga Lda — Congo — Santo António do Zaire; Silva & Silva — Angola; João Lima Gomes — Guiné; «Última Hora», jornal de Luanda; «O Intransigente», jornal de Benguela; «O Jornal de Benguela», de Benguela.

Metrópole:

Maurício de Andrade; Fernando Barbosa & Irnãos; Santos & Filhos; Adão Machado & Silva; Joaquim da Costa Oliveira & C.ª; Ramiro Eurico Guimarães; Fábrica de Fiação e Tecidos do Campo Alegre; Bosch & Baylina; União dos Botecoires Lda; Centro Agrícola Industrial Lda; Alvaro Rodrigues; Ricardo Augusto Pereira; Empresa de Serração e Terras Corantes; Rost & Janus, Sucs.; Carlos Silva & Barbosa; Companhia Industrial Marmorista; Grandes Armazéns Nascimento; A Universal; Alfredo A. Ribeiro & C.ª Lda; Luis de Azevedo; Electro Central Vulcanizadora Lda; José Dias Coelho; Sociedade Industrial de Manequins e Artes Decorativas; Fábrica Portuguesa de Enecerados; «Jornal de Notícias», jornal do Pôrto; «A Gazeta das Aldeias», revista do Coimbra; «O Estoril», jornal do Estoril; «O Missionário Português», jornal de Coculães; «A Alma Lusa», jornal do Pôrto; «A Gazeta dos Caminhos de Ferro», revista de Lisboa.

Medalha de Bronze

Oficiais:

Sociedade Industrial Ultramarina — Guiné; Oficinas Navais da Guiné; Inspeção dos Serviços Económicos de Macau; António Ferreira de Faria; António Cardoso de Meneses — Angola; Francisco da Silva Lobo — Moçambique; A. Rosa Cabral — Moçambique; Armando Coelho da Cruz — Angola.

Metrópole:

M. Alves Ribeiro em Ct.ª; Afonso César de Padua Correia; José Prieto Perez; António Pereira Monteiro.



A OURIVESARIA ALIANÇA,

que pela sua imponência e imenso sortido, preços sem competência e ainda pelas suas oficinas próprias, marca entre os grandes estabelecimentos.

Edições da Exposição Colonial Portuguesa

Plaquettes — Mac-Mahon, José Celestino da Silva, Silvador Correia, João Maria de Sousa e Almeida, João da Silva Telo de Menezes, Roberto Duarte Silva e João Teixeira Pinto.
Conferências — Capitão Henrique Galvão — *A Função Colonial de Portugal, a razão de ser da nacionalidade*; dr. António Barradas — *O Dia de Moçambique*; José F. Ferreira Martins — *A Restauração e Aclamação de D. Pedro IV na cidade dos Vice-Reis da Índia, em 11 de Setembro de 1641*; dr. A. Magalhães Ba-to — *Res Non Verba...* — *Restauração missionária nas Colónias Portuguesas*; Machado Saldanha — *A evolução e o apetrechamento económico de Cabo Verde*; D. João Evangelista de Lima Vidal — *A acção Missionária*; João de Azevedo Coutinho — *Valor e eficiência patriótica das missões Católicas*; D. Maria Ermelinda da Sturtz Gomes — *A mulher indiana*; Júlio

SOUSA CRUZ & C.ª, L.ª

BANQUEIROS

13, Praça da Liberdade, 14 — PÔRTO

Efectuam todas as operações bancárias
 Serviço especial de sobretaxas de exportação

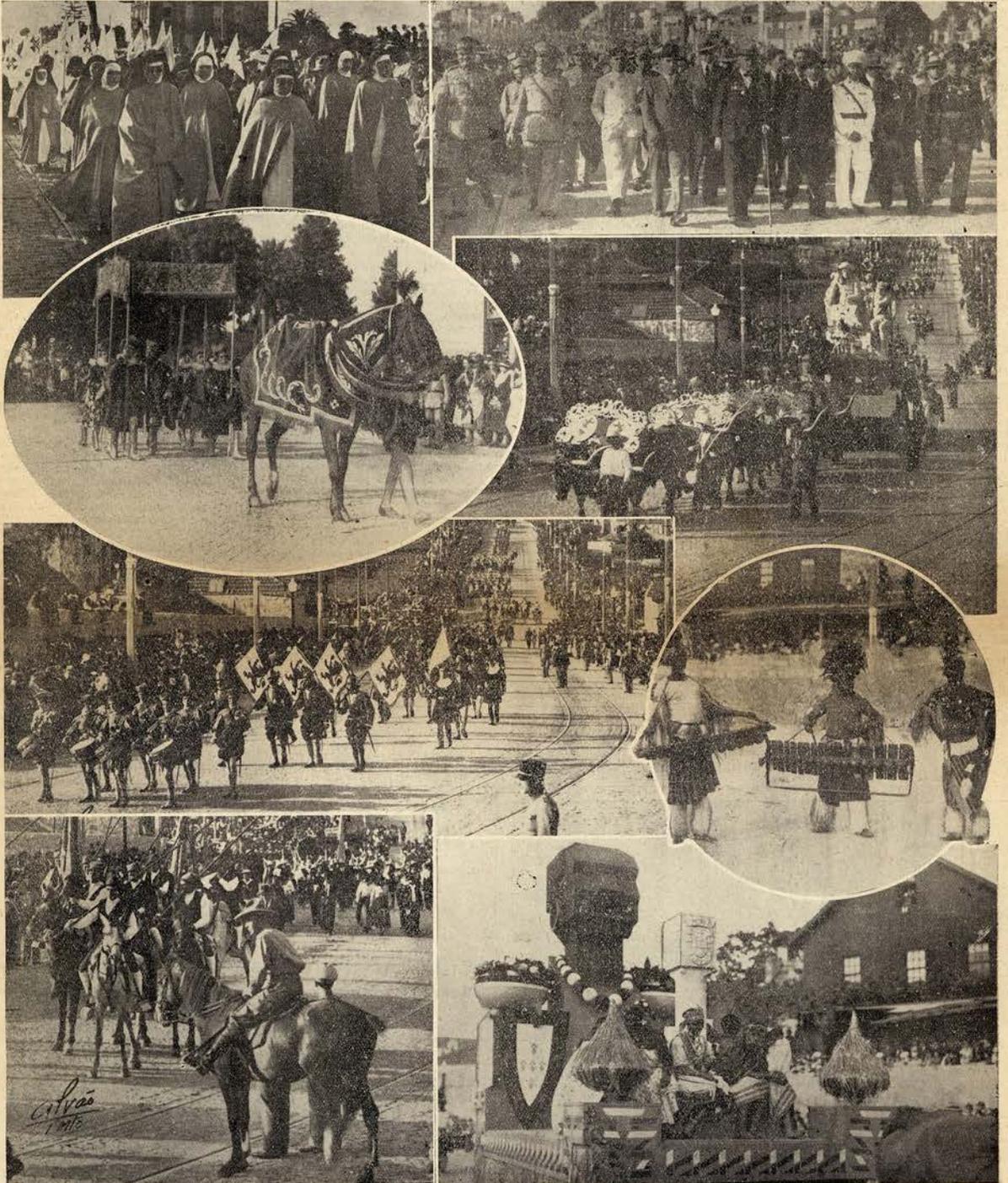
Filial em Matosinhos — RUA BRITO CAPELO, 262

Delegação Central da Companhia de Seguros GARANTIA

Garcês da Lancaster — *Timor-Padrão do Império*; General João de Almeida — *A cooperação dos nativos na expansão da defesa do Império*; dr. Manuel Martins — *Ceuta*; Fausto Duarte — *Da libertação Colonial e da morte de Cabo Verde*; dr. Artur de Almeida de Eça — *A restauração de Angola e a manutenção da reconquista*; tenente-coronel Leite de Magalhães — *A cruz e a espada ao serviço do Império*; Engenheiro Gomes da Fonseca — *O Pôrto Grande de S. Vicente*; General Norton de Matos — *A acção civilizadora do Exército Português no Ultramar*; dr. Fernando Pires de Lima — *Para uma nova consciência Imperial*; dr. Agostinho de Campos — *O Império e a Educação*; Capitão Rogério Ferreira — *Os portugueses na China e a fundação de Macau*.

Catálogos — das Exposições de Arte Colonial e de Fotografia Colonial. Além destes, também foram publicadas pela Exposição as seguintes obras: *Angola Intangível*, pelo tenente-coronel Almeida Teixeira; *Descobridores portugueses*, por Edgar Prestage, versão do capitão Francisco C. Baptista e *Etnografia Angolana*, por Fernando Mouta.

O grandioso cortejo alegórico efectuado no Pôrto para encerramento da I Exposição Colonial Portuguesa



Vários aspectos dessa notável jornada de fé e vibração patrióticas. — Em cima, Irmãs Missionárias e Combatentes das campanhas das Colónias. — A seguir, D. João de Castro conduzido sob o pálido e o carro da cidade do Pôrto. — A frente do cortejo com figuração histórica. — No disco, Tocadores de marimbas. — Campinos do Ribatejo, junto do sr. capitão Henrique Galvão, que concebeu, organizou e dirigiu o cortejo. — O carro dedicado à Província de Angola.

(Fotos ALVÃO)